

ACERCA DA PREGAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁXIS DE JESUS

ABOUT PREACHING: REFLECTIONS FROM THE PRACTICE OF JESUS

Ederson Malheiros Menezes¹

RESUMO

A pregação cristã se insere no campo da teologia prática/pastoral e, devido à sua recorrente instrumentalidade no dia a dia do ministério eclesástico se faz importante refletir sobre sua constituição e prática. Neste sentido, a presente pesquisa se apoia em conceitos neotestamentários específicos, considerados a partir da prática de pregação de Jesus. O intuito é elucidar elementos que vão contribuir para fundamentar e avaliar as práticas contemporâneas de pregação. Para isso, serão considerados referências bíblicas do ministério de Jesus e aporte teórico por meio de pesquisa bibliográfica que esclarecem os pré-requisitos para o ministério da pregação, além de indicações acerca do devido conteúdo da mensagem cristã e sua realidade escatológica.

Palavras-chaves: Pregação. Homilética. Jesus Cristo.

ABSTRACT

Christian preaching is within the field of practical/pastoral theology and its recurring instrumentality due on the day of ecclesial ministry is important to reflect

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela FBP (Ijuí-RS), com revalidação pela Faculdade Sul-Americana (Londrina-PR), graduado em Sociologia (licenciatura) pela Unijuí (Ijuí-RS). É especialista em docência no ensino superior pela Unipan (Cascavel-PR), especialista em docência e tutoria em EaD pela PUC (Porto Alegre-RS), mestre em divindade (curso livre) pelo Seamid (Cascavel-PR) e mestrando em práticas socioculturais e desenvolvimento social pela Unicruz (Cruz Alta-RS - Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - FAPERGS/CAPES). E-mail: educacaoteologica@hotmail.com

on your constitution and practice. And in this sense, this research relies on specific New Testament concepts, considered from the practice of preaching Jesus. The aim is to elucidate elements that will contribute to support and evaluate contemporary practices of preaching. For it will be considered biblical references of Jesus' ministry and theoretical support through literature that clarify the prerequisites for the preaching ministry, besides indications about the content because the Christian message and its eschatological reality.

Keywords: Preaching. Homiletics. Jesus Christ.

INTRODUÇÃO

Jesus Cristo constitui o maior exemplo das Escrituras Sagradas, referência para a vida em todos os aspectos; por isso, também referência para um dos ministérios mais importantes da igreja: a pregação ou proclamação do Evangelho. Reconhecidamente a pregação teve um espaço central no ministério de Jesus. Ele foi divinamente ordenado para este ministério que exerceu de forma itinerante. Sua pregação incluía diversos elementos que desafiavam as pessoas a tomarem decisões diante da mensagem comunicada.²

Lutero disse que a pregação feita por Cristo, exatamente como está no Evangelho, concede graça e deve ser usada para que as pessoas ouçam Deus falar.³ Por isso, quando se fala sobre pregação, se faz referência de fato a *vox Dei* (voz de Deus) que se propaga na direção do ser humano pela pregação de Cristo.

Vários vocábulos podem ser contemplados no Novo Testamento em relação à pregação; por isso, a atenção nesta reflexão estará sobre as palavras gregas *κηρυγμα* - *kerygma* (proclamação, pregação) e *κηρυσσω* - *keyusso* (proclamar, anunciar, mencionar publicamente, pregar, mais frequentemente em referência à ação salvadora de Deus, proclamar vitória).⁴ Assim o conceito de pregação será distinto de outras palavras como *καταγγελο* - *katangelo* (proclamar), *ευαγγελιζω* - *euangelizo* (anunciar boas novas) e *διδαχη* - *didaque* (ensino). Será importante lembrar na leitura deste texto que a pesquisa está delimitada pelos termos propostos. O motivo de tal escolha se deve ao fato das palavras de referência (*kerygma* e *kerysso*) indicarem de forma mais específica o ministério de pregação que se requer destacar.

²BROADUS, John A. *Sobre a preparação e a entrega de sermões*. Trad. Claudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Custon, 2003. p. 21-22.

³LUTERO, Martinho. *A liberdade do cristão*. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2007. p. 23.

⁴GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento*. Trad. Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 116.

É significativo mencionar que o *kerygma* faz referência ao conteúdo do Evangelho, a mensagem cristã primitiva baseada na vida e obra de Jesus harmonizada com a história de Israel. O *kerygma* é a mensagem da ação de Deus por meio de Jesus Cristo chamando as pessoas a uma decisão de fé, vida a ser vivida em Cristo e compartilhada na nova comunidade - a igreja.⁵ O *kerygma* é também definido por Stott como constituído de duas partes: pregação e apelo - que explicam a compreensão da natureza da pregação como se constitui.⁶

Apesar desta distinção dos conceitos neotestamentários em relação à pregação e ao ensino, se reconhece que Jesus em único discurso exerceu seu ministério proclamando, ensinando e evangelizando tendo como propósito principal não as metodologias, mas o ser humano que deveria ser atingido pela mensagem.⁷ É observado que o Novo Testamento usa cerca de trinta e três verbos diferentes para descrever o que normalmente é definido de forma geral por “pregação”, sendo importante ainda observar que não há uma separação rígida em termos de pregação e ensino.⁸

Em termos de metodologia é observado que Jesus prega e ensina de forma simples a partir da seguinte estrutura: explicar - ilustrar - aplicar.⁹ Porém, aquilo que Jesus ensina especificamente sobre a pregação em termos de *kerygma* e *kerysso*, as características decorrentes desta *práxis*, que modelam e definem a pregação, estabelecem princípios relevantes em termos ministeriais para pregadores contemporâneos.

A partir de Jesus, quais características ou definições se tornam necessárias para alguém se tornar um pregador? Qual era o conteúdo da pregação de Jesus? Existe algo que Jesus propositalmente desejou que se tornasse conhecido sobre a pregação e o seu futuro? Estas questões e outras relacionadas serão alvos da pesquisa que segue.

I. PRÉ-REQUISITOS PARA O MINISTÉRIO DA PREGAÇÃO

I.1 Jesus veio para pregar comissionado por Deus

No primeiro capítulo do Evangelho de Marcos é narrado que Jesus, depois de curar muitas pessoas, saiu de casa de madrugada e foi para um lugar deserto para orar. Ao que tudo indica amanheceu e seus discípulos foram procurá-lo. Ao encontrá-lo, disseram que muitas pessoas também estavam procurando por Ele. No entanto, “Jesus

⁵FERGUSON, D. S. *Kerygma*. In: ELWEL, Walter A. (Edit.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990. v. 2, p. 399-400.

⁶STOTT, John. *O perfil do pregador*. Trad. Glauber Meyer P. Ribeiro. São Paulo: Sete; Sepal, 1989. p. 50.

⁷BROADUS, 2003, p. 22.

⁸GREIDANUS, Sidney. *O pregador contemporâneo e o texto antigo: interpretando e pregando literatura bíblica*. Trad. Edmilson Francisco Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 22.

⁹OLYOTT, Stuart. *Ministrando como o Mestre*. São José dos Campos: Fiel, 2003. p. 11.

respondeu: Vamos para outro lugar, para os povoados vizinhos, para que também lá eu pregue. Foi para isso que eu vim” (Mc 1.38; em paralelo com Lc 4.43).

O destaque recai para a expressão “[...] para que também lá eu pregue. Foi para isso que eu vim” (conforme Lucas, “fui enviado”). Enquanto o texto de Marcos indica a consciência de Jesus acerca do seu ministério, o de Lucas destaca seu envio por Deus pelo uso do passivo. Também se observa que a palavra “pregar” em Marcos é substituída pela palavra “proclamação” em Lucas, indicando um intercâmbio entre os conceitos.

A expressão “é para isso que eu vim” faz referência à missão que Jesus recebeu de Deus.¹⁰ Em relação ao contexto do versículo, é observada também a menção de que havia muitas pessoas procurando por Jesus, porém Ele está comprometido com Sua missão e se mostra submisso à orientação do Pai, ou seja, de Deus. A partir disso, compreende-se que a pregação em Jesus se caracteriza primeiramente como um ato de obediência a Deus antes de ser a supressão da necessidade humana. Ryle vai dizer que Jesus, ao definir o propósito de sua vinda a partir da pregação, concede grande honra a este ministério - ofício exercido pelo Filho de Deus.¹¹

Porém, Jesus não procurou o sucesso do ministério aos olhos dos homens. Ele tinha consciência de que era um arauto autorizado para proclamar publicamente aquilo que Deus desejava.¹² Conforme verificado, mesmo diante da necessidade humana acerca da mensagem divina, a comunicação era determinada e orientada na vida de Jesus por Deus.

Stott, ao falar do termo “arauto”, diz que ele tem uma mensagem que deve ser proclamada ao mundo todo, está relacionada com a proclamação de um fato, carrega a expectativa de uma resposta dos ouvintes e evidencia uma autoridade direta. Assim, Jesus é o arauto de Deus. Porém, como se percebe na prática de Jesus, a mensagem que deve ser comunicada ao mundo todo não viola a orientação divina no sentido de compreender para quem e quando será comunicada.¹³

No contexto de Mc 1.38, apesar de Jesus realizar milagres e curas, Ele define sua missão a partir da pregação.¹⁴ Morris também observa que o fato de Jesus mencionar ser “necessário” pregar em outros lugares revela uma necessidade compulsiva. Neste

¹⁰ DAVIDSON, F. (Edit.). *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1990. v. 2, p. 991.

¹¹ RYLE, John Charles. *Meditações no evangelho de Marcos*. São José dos Campos: Fiel, 2011. p. 16.

¹² MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. Trad. Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, [199-]. p. 50-51.

¹³ STOTT, 1989, p. 42-45.

¹⁴ POHL, Adolf. *Evangelho de Marcos: comentário Esperança*. Trad. Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. p. 89-90.

sentido, a maior necessidade das pessoas antes da cura do físico era reconhecida como sendo a cura do coração, a libertação da escravidão do pecado.¹⁵

Assim, diferente daquilo que se observa na contemporaneidade, Jesus não abriu mão da pregação por causa do público e da própria necessidade humana, ou em detrimento da realização de sinais. Pregava porque sabia que isso fazia parte do propósito de Deus para sua vida e ministério. Jesus reconhecia seu envio da parte de Deus e, ao mesmo tempo, a centralidade da pregação e anúncio em seu ministério orientado pela vontade divina.

1.2 Jesus é ungido com o Espírito para pregar

Seguindo esta linha de raciocínio acerca da consciência sobre a tarefa de pregar, Jesus explicou algo importante acerca do que o capacitava para a pregação. Ele tinha também consciência acerca da dependência do poder de Deus.

No Evangelho de Lucas aparece Jesus se referindo a si próprio da seguinte forma: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor” (Lc 4.18-19).

Jesus está lendo o profeta Isaías (Is 61.1-2; 58.6), uma passagem messiânica em que o Messias é visto como aquele que caminha ao encontro das pessoas aflitas. Esta vocação messiânica em que Cristo é ungido é fortalecida pela voz celestial no seu batismo, momento este em que também ocorre a unção do Espírito (Mt 3.16-17; At 10.38).¹⁶

Ser ungido significava que Deus era com Ele, era a fonte de Seu poder. Apesar de não dizer quando isso aconteceu especificamente, há concordância de que se está fazendo referência ao Seu batismo.¹⁷ O Espírito concede poder para Jesus socorrer e curar as pessoas.¹⁸ Conforme Mt 12.28, Jesus expulsa os demônios pelo Espírito de Deus e ao usar o texto de Is 61.1 chama sobre si plena autoridade profética.¹⁹ Assim, Jesus prega e realiza sinais pelo poder do Espírito Santo.

¹⁵ MORRIS, Leon L. *Lucas: introdução e comentário*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1990. p. 106.

¹⁶ MORRIS, 1990, p. 101.

¹⁷ WILLIAMS, David J. *Atos: novo comentário bíblico contemporâneo*. Trad. Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1996. p. 220.

¹⁸ MARSHALL, I. Howard. *Atos: introdução e comentário*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1991. p. 184.

¹⁹ JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. João Costa. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 137.

Segundo Ridderbos, que comenta o texto de Is 61.1, a expressão “ungir” tem sua origem no costume de ungir as pessoas com óleo, pessoas estas que ocupariam cargos importantes como sumo sacerdotes (Êx 25.6; Lv 8.10), reis (1Sm 16.1) e profetas (IRs 19.16). Enquanto as pessoas ungem com óleo, Deus unge com Seu Espírito, habilitando para o desempenho da função. Junto com a unção, encontra-se a vocação e a nomeação para o cargo, o que justificaria a expressão “enviou-me”, vista anteriormente. Fica evidente, assim, a relação existente entre a consciência de Jesus acerca do seu ministério com ênfase na pregação e o fato deste ministério ser uma realidade a partir do poder de Deus.²⁰

A unção do Espírito tinha sua origem no ministério profético, conforme Jeremias:

Comunicação do Espírito significa no judaísmo antigo quase sempre inspiração profética, o fato de um homem ser tomado por Deus, que o plenipotencia para ser seu enviado e pregador e que fala por intermédio dele. Quando se diz que o Espírito desceu sobre Jesus, dá-se a entender que Jesus é convocado para ser mensageiro de Deus.²¹

A partir disso compreende-se então a razão pela qual Jesus não quis e não permitiu que a glória de um ministério entre os homens manchasse a oportunidade de glorificar a Deus por meio da obediência ao ministério da pregação.

Em At 10.38 Pedro menciona Jesus como ungido por Deus com o Espírito Santo e poder. É possível observar o caráter involuntário da percepção cristã acerca da Trindade, ou seja, Deus é visto como atuando em Jesus Cristo por meio do Espírito Santo.²² Assim, se reconhece que o ministério da pregação é permeado por ações e propósitos que envolvem a Trindade. Reconhecidamente, a pregação é eficaz por causa da ação do Espírito Santo, distinta de qualquer outro tipo de proclamação, tornando-se inspirada pelo Espírito e veículo da graça de Deus aos homens.²³

De maneira prática, Spurgeon fala do Espírito como absolutamente essencial para o ministério, para que o ofício se torne mais do que meramente um título. Para ele, o Espírito é quem opera em termos de conhecimento, sabedoria (para usar aquilo que se conhece), como brasa viva tirada do altar para tocar os lábios (referência à influência divina na fala), como óleo que unge (se relacionando com todo o ministério de

²⁰ RIDDERBOS, J. *Isaías: introdução e comentário*. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1990. p. 488.

²¹ JEREMIAS, 2008, p. 101.

²² BOOR, Werner de. *Atos dos apóstolos: comentário Esperança*. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2003. p. 163.

²³ CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. 6. ed. São Paulo: Hagnos, 2002. p. 368.

pregação), nos efeitos concretos decorrentes do Evangelho, como Espírito de súplicas (que intercede pelos santos), como Espírito de santidade (que produz testemunho de vida do pregador) e Espírito de discernimento (para exercício do ministério pastoral).²⁴ A fundamental capacitação para a pregação e o ministério cristão como um todo pode ser plenamente reconhecida no clamor de Spurgeon: “Clamemos ao Espírito de Deus, que nos faça e nos mantenha vivos para Deus, fiéis ao nosso ofício e úteis à nossa geração - limpos do sangue das almas”.²⁵

Assim, ficam compreensíveis os eventos que antecedem a pregação de Jesus (batismo e posteriormente o fato de ser impelido pelo Espírito ao deserto para ser tentado),²⁶ ou seja, a profunda consciência da vontade divina e vocação, além da capacitação do Espírito para pregar a mensagem da salvação. O comissionamento, o comprometimento com a pregação como vontade divina e a unção do Espírito se tornam os pré-requisitos essenciais para o ministério da pregação, conforme caracterizados na prática de Jesus.

2. O CONTEÚDO DA PREGAÇÃO

2.1 Jesus pregou o arrependimento

A palavra “arrependimento” (*metanoia* no grego) faz referência à compunção, contrição. Diz respeito à tristeza causada pelo violar das leis divinas, conduzindo o indivíduo ao constrangimento para que se volte para Deus implorando favor imerecido (2Co 7.10).²⁷ Erickson vai definir arrependimento como tristeza, recusa ao pecado com decisão de se converter.²⁸

João Batista, que antecede Jesus, tem como tema para suas pregações o arrependimento (Mt 3.1; Mc 1.4; Mt 3.8). Ele coloca junto com o batismo para arrependimento a confissão dos pecados (Mt 3.6; lJo 1.8-9). O que distingue a pregação de Jesus da de João Batista com base no arrependimento é o fato de que Jesus anuncia a chegada do Reino convocando os seres humanos a uma alteração total em seus relacionamentos e forma de vida. De forma geral, compreende-se o arrependimento como uma mudança consciente de pensamento, afeições, convicções e lealdades com

²⁴ SPURGEON, C. H. *Lições aos meus alunos: homilética e teologia pastoral*. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: PES, 1990. p. 1-18.

²⁵ SPURGEON, 1990, p. 25.

²⁶ LOPES, Hernandes Dias. *A importância da pregação expositiva para o crescimento da igreja*. São Paulo: Candeia, 2004. p. 112.

²⁷ ANDRADE, Claudionor Corrêa. *Dicionário teológico*. 13. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 63.

²⁸ ERICKSON, Milard J. *Conciso dicionário de teologia cristã*. 2. ed. Tradução de Darci Dusilek e Arsenio Firmino de Novaes Netto. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. p. 17.

base no temor a Deus e na tristeza pelo pecado cometido contra Ele, tendo como resultado quando acrescido da fé em Jesus Cristo a consagração da vida a Deus para servir integralmente.²⁹

É relevante observar que Jesus faz alusão positiva ao ministério de pregação de Jonas (Mt 12.41; Lc 11.32) e fala sobre os frutos de arrependimento que foram colhidos, isto em contraste com a geração de Jesus que estava desprezando a mensagem e ocupando lugar de condenação.

O livro de Jonas era um dos mais populares do AT. Continha uma mensagem a um só tempo de esperança e advertência. Os outros profetas tinham encontrado resistência, incredulidade e inclusive decidida rejeição; à pregação de Jonas, ao invés, toda a cidade de Nínive aderira e se apresentara. Era esse o aspecto de esperança do livro: a emenda é sempre possível. Mas Nínive era uma cidade gentilica; nisso está a advertência. Nada havia na história dos judeus que pudesse se comparar com o arrependimento de Nínive.³⁰

Assim, observa-se que o mais importante em termos de arrependimento é a escolha, a decisão que definirá tanto a vida no presente como no futuro.³¹ Ao pregar o arrependimento Jesus colocava as pessoas diante da mais importante decisão da vida. Ele disse que não veio chamar justos, mas sim pecadores ao arrependimento (Lc 5.32; Mt 9.13) e ensinou que há alegria no céu por um pecador arrependido, em contraste com muitos que julgam não precisar se arrepender (Lc 15.7).

Jesus vai afirmar que seu trabalho é entre os pecadores, pessoas que não se justificam a si próprias, mas reconhecem o chamado de arrependimento. Lucas desenvolve amplamente o tema do arrependimento no Evangelho conforme os textos de Lc 3.3,8; 10.13; 11.32; 13.3,5; 15.7,10; 16.30; 17.3,4; 24.47.³² Isso mostra como o tema é importante e recorrente na pregação do Evangelho. Lutero faz referência ao arrependimento ao convidar aquele que é exposto à mensagem de Cristo a entrar em desespero consigo mesmo reconhecendo seu estado de perdição para então caminhar na direção de Jesus Cristo com uma fé robusta, além de ousada confiança.³³

Nas Escrituras se observa que a pregação em nome de Jesus convida ao

²⁹ KROMMINGA, C. G. Arrependimento. In: ELWEL, Walter A. (Edit.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1993. v. 1, p. 119-120.

³⁰ CAMACHO, Juan S. J. *O evangelho de Mateus: leitura comentada*. Trad. João Resende Costa. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 146.

³¹ LADD, George Eldon. *O evangelho do reino: estudos bíblicos sobre o reino de Deus*. Trad. Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2008. p. 103.

³² MORRIS, 1990, p. 114.

³³ LUTERO, 2007, p. 23-24.

arrependimento e tem por objetivo o perdão dos pecados a todas as nações. A explicação está no fato da pregação ter caráter profético, universal e redentor, devendo ser realizada em nome Dele (Lc 24.47) - Jesus.

No texto de Lc 24.47-48 é estabelecido o vínculo entre o perdão e a Paixão de Cristo. Quando diz que o Evangelho deve ser pregado “em Seu Nome” fica estabelecida uma ligação do arrependimento e o amplo perdão, diretamente com quem Jesus é e com o que Ele fez.³⁴ Ainda se vê que Jesus pregava o arrependimento em detrimento à proximidade do reino dos céus - o evangelho de Deus (Mt 4.17; Mc 1.14; Lc 4.44; 8.1).

A palavra “arrependimento” pode ser compreendida como “conversão” conforme Mt 3.2, pois a palavra *metanoia* possui um sentido novo no Novo Testamento: significa mais do que mudar a opinião sobre algo e sim a opinião toda, a totalidade do pensamento da pessoa. A conversão, então, constitui-se como meia-volta, mudança quanto a totalidade do pensar, sentir, querer e agir. Por isso, conclui-se que a conversão total e radical constitui a primeira letra do alfabeto do discipulado no Reino.³⁵

Jeremias observa que conversão é mais do que arrependimento, entendendo ser o “dar as costas para o pecado”, exigindo afastamento, obediência à palavra de Cristo, integridade de coração e ser depositada total confiança em Deus como Pai. Está baseada mais na bondade de Deus do que no medo do juízo, dando espaço para a alegria na vida daquele que a experimenta.³⁶ Mas também é possível fazer a distinção dos conceitos num sentido didático dizendo que a pessoa se arrepende em relação ao pecado e deposita a fé em relação a Cristo e estes dois atos que apenas observados didaticamente distintos constituem então a conversão.³⁷

Aqui, como observado, considera-se a temática *conversão* no sentido da valorização da mesma como conteúdo da pregação de Jesus, além de sua compreensão enquanto realidade espiritual para aqueles que ouviam a mensagem.

2.2 Jesus pregou o Reino de Deus

Como já observado anteriormente, o convite de Jesus ao arrependimento considerava uma nova realidade: a chegada do Reino de Deus. O termo “Reino de Deus” é o tema central da pregação de Jesus, contendo um conteúdo novo com o qual não há nada com que se possa comparar em sua época: com sentido escatológico

³⁴ MORRIS, 1990, p. 321-322.

³⁵ RIENECKER, 1998, p. 58-59; 71-72.

³⁶ JEREMIAS, 2008, p. 233-241.

³⁷ MENEZES, E. M. *Revitalizando a espiritualidade*. Cascavel: Coluna do Saber, 2008. p. 39-45.

aponta para a última revelação de Deus, tendo por novidade a consumação do mundo em irrupção.³⁸

Os judeus aguardavam com expectativa um tempo em que Deus Se asseveraria como Rei sobre as nações. Jesus ensinava que o reino de Deus já chegara na Sua própria Pessoa, na autoridade com que combatia o mal. Em certo sentido, o Reino era uma realidade presente. Noutra sentença, ainda haveria de vir em toda a sua plenitude.³⁹

A tensão entre o denominado “já e o ainda não” como referência àquilo que estava acontecendo e aquilo que ainda aconteceria não impede que as verdades e obras pertencentes ao tempo presente sejam manifestas por meio de Jesus confirmando a realidade do Reino inaugurado, pois o ensino acerca do Reino de Deus compreende que:

Como vimos, o Reino de Deus, basicamente, é o reinado soberano de Deus; mas o reino de Deus se expressa em diferentes estágios ao longo da história da redenção. Portanto, os homens podem entrar na esfera do reinado de Deus em seus vários estágios de manifestação e vivenciar as bênçãos de seu reinado em graus diferentes.⁴⁰

Jesus vai revelar o Reino de maneira que ele possa ser compreendido e experimentado, tornando-se uma realidade para o dia a dia das pessoas. A importância do Reino na mensagem de Jesus pode ser compreendida em várias dimensões, na gestão de toda sua vida e inclusive estatisticamente por meio de referências bíblicas:

O reinado de Deus aglutinava como um âmagô magnético tudo o que ele pedia em oração, ensinava, desejava, fazia e sofria. Suas parábolas, seu chamado à conversão, ao discipulado, suas exigências éticas, seus atos de poder, operações de sinais como sua morte e ressurreição, respiram dentro do horizonte do reino vindouro. ‘Reinado de Deus’ em Jesus é praticamente a palavra de salvação, que sobrepujava as demais palavras salvíficas como graça, misericórdia, redenção, paz ou justiça. A estatística também mostra que esta expressão é um conceito central em sua proclamação: de 122 menções no NT, 90 são da boca de Jesus. Como o termo não teve nem antes nem depois um papel tão vivo e dominante, podemos falar de uma ‘expressão típica da linguagem de Jesus’.⁴¹

Jesus é o maior exemplo da mensagem do Reino. Ele está pregando e exemplificando

³⁸ JEREMIAS, 2008, p. 168.

³⁹ MORRIS, 1990, p. 106.

⁴⁰ LADD, 2008, p. 23.

⁴¹ POHL, 1998, p. 67.

a realidade do Reino - o domínio de Deus. Mas o grande desafio e foco é o ser humano, para que o Reino, a salvação de Deus, torne-se real na experiência da fé. Quando Jesus anuncia o Reino de Deus conclama os homens a uma decisão em decorrência desta realidade.

[...] O Reino, quando confronta os homens, exige decisão - decisão eterna. O amanhã encontrou o hoje. A era por vir alcançou esta era. A vida futura é-nos oferecida aqui e agora. Se agrada a você, pode-se dizer que o céu beijou a terra. O que devemos fazer? Uma coisa. O Reino dos céus se aproxima. Arrependa-se! Mude de atitude e receba as boas novas. Entregue-se ao governo do Reino. Essa é a exigência do Reino.⁴²

Aqui se apresenta a conexão da temática “arrependimento” e “Reino de Deus”, sendo esta primeira decorrente desta nova realidade que é o Reino para a vida das pessoas. Isto ainda se estende em uma dinâmica de ministério em que Jesus ensinava e pregava o evangelho do reino além de realizar curas (Mt 4.23; Mt 9.35; Mt 11.1; Mc 1.39).

Jesus vai expor a mensagem do Reino baseado nas Escrituras e ao curar toda enfermidade e toda dor anuncia que o Reino de Deus opera a salvação de forma integral no indivíduo.⁴³ Evidentemente que isso não significa que toda a pessoa vai ser curada de suas enfermidades no tempo presente, mas a realidade deste fato é historicamente descrita pelos testemunhos e preservada pelas promessas.

Os que ouviam o chamado para o Reino por meio de uma proclamação de alegria precisavam estar conscientes de que há uma convocação para que se tornem cidadãos do Reino eterno.⁴⁴ Se o Reino é domínio de Deus, então o “poder das trevas” precisa render-se. Jesus é o mensageiro de Deus que destituiu o poder das trevas.

[...] Ao derrotar e expulsar as forças inimigas, ele está refletindo a proclamação do reinado iminente de Deus (opr 3 a 1.21-28). Com este mensageiro Deus está chegando e Satanás tem de retroceder. Apesar de Jesus ter acabado de sublinhar que ele viera para pregar, não devemos estranhar que os demônios sejam mencionados. Palavra e ação, para Jesus, andam juntos (cf. 1.27).⁴⁵

Jesus deixa claro a supremacia da pregação no ministério, o instrumental pelo qual o Reino é anunciado, mas não apenas em palavras, antes também em ações que evidenciam sua realidade. O Reino de Deus é conteúdo ilustrado na realidade da vida pela pregação de Jesus.

⁴² LADD, 2008, p. 113-114.

⁴³ CAMACHO, 1993, p. 52.

⁴⁴ RIENECKER, 1998, p. 166.

⁴⁵ POHL, 1998, p. 90.

2.3 Jesus pregou aos espíritos em prisão

Reconhecidamente uma referência marcada por controvérsias no Novo Testamento é IPe 3.19, na qual se lê acerca de Cristo: “no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão”. Apesar de sua complexidade quanto ao entendimento, a atenção aqui neste artigo recai sobre a pregação de Jesus que neste texto é referenciada.

Mueller informa que normalmente a tendência de se interpretar a referência a Cristo como tendo descido ao inferno entre sua morte e ressurreição está associada com o segundo artigo do Credo Apostólico, que diz “foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao inferno, ressuscitou dos mortos ao terceiro dia”. Porém, esta associação da descida de Cristo ao inferno com o texto de IPe 3.19 não tem base na literatura patrística, ocorrendo pela primeira vez com Clemente de Alexandria no final do segundo século. Mueller ainda aponta que a palavra “pregou” (*keryssein*) em sua forma de compreensão fará grande diferença na interpretação da passagem. Diz que se entendermos o termo *keryssein* com sentido neutro então a interpretação caminhará na compreensão de que Jesus proclamou sua vitória aos anjos aprisionados; caso contrário, se o termo for compreendido a partir da forma usual do Novo Testamento, terá que ser aceito que esta proclamação foi no sentido do evangelho pregado aos que pereceram nos dias de Noé por ocorrência do dilúvio.⁴⁶

MacDonald diz haver de forma geral duas possibilidades de entender o texto. A primeira é de que Cristo foi ao mundo dos mortos e proclamou o triunfo da obra na cruz, não havendo consenso entre os comentaristas quanto a quem se refere os “espíritos em prisão”, podendo ser cristãos, incrédulos ou ambos. Porém, admite-se que Jesus não pregou o Evangelho para salvação, pois contrariaria o ensino bíblico oferecendo uma segunda oportunidade. Em uma segunda forma de compreensão, admite-se então que o texto está fazendo uma referência a algo que aconteceu na época de Noé, ou seja, o espírito de Cristo pregou por meio de Noé aos homens que foram condenados e agora são “espíritos em prisão”.⁴⁷

Archer vai concluir também dizendo que essa proclamação de IPe 3.19 ocorreu não pela ocasião em que Cristo desceu ao mundo dos mortos (Hades) após sua morte, mas aconteceu em Espírito por meio da proclamação de Noé à sua geração,

⁴⁶ MUELLER, Ênio R. *I Pedro: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1991. p. 207-218.

⁴⁷ MACDONALD, William. *Comentário bíblico popular: Novo Testamento*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. p. 926-927.

fortalecendo a ideia neotestamentária de que não existe nenhuma esperança de salvação após a morte, conforme Hb 9.27.⁴⁸

Como se observa, a complexidade é notável pelas múltiplas possibilidades que são trabalhadas para compreender o texto. No entanto, como a proposta aqui é verificar a pregação de Jesus, apesar dos limites de interpretação se reconhece que, seja no sentido de uma proclamação de vitória ou mesmo salvação, a obra de Jesus e Sua mensagem são um anúncio de vitória sobre as problemáticas que envolvem a humanidade e a ação de Deus sobre ela.

Por mais difícil que seja a interpretação, o fato é que Cristo pregou e essa ação, seja no sentido de proclamar uma vitória ou de conceder salvação, revela a centralidade e importância do ministério da pregação. Se for considerada a pregação como proclamação de vitória, é fortalecido o aspecto da grandiosa vitória de Cristo descrita no Evangelho; se for considerada como pregação salvífica, é valorizado o ministério que se constitui historicamente numa ação de Deus por meio de Jesus para resgatar o ser humano de sua condição de pecado. O fato é que a pregação é o instrumento destas possíveis ações em Cristo.

2.4 O Verbo como conteúdo da pregação

Como se observa, as palavras que delimitam este estudo não aparecem no Evangelho de João e para não desconsiderá-lo nesta pesquisa será observado em sua totalidade a partir do conceito “logos” que vincula Jesus Cristo com o conteúdo da pregação. Uma outra linguagem que caracteriza esta narrativa no Evangelho de João acerca da vida de Jesus vai apontar para Ele tanto no sentido daquele que proclama como Aquele que é a mensagem de Deus para a humanidade (Jo 5.24,36-40; 8.31; 12.48; 14.23-24; 17.6,14,17,20; 20.31), mensagem que precisa ser ouvida e crida. O prólogo do Evangelho de João introduz o assunto.

Ao observar a narrativa do Evangelho de João é possível ver Jesus construindo o conteúdo da pregação com sua vida que é a revelação de Deus ao homem - a Palavra personificada, o conteúdo vivo. Ao mesmo tempo em que Jesus anuncia a mensagem contemplando o arrependimento e o Reino, proclamando vitória e salvação, Ele é a própria realidade daquilo que Deus está realizando na história humana.

Barclay vai indicar um dos fatores que apontará para este Jesus descrito no Evangelho de João quando menciona o texto de Mc 2.2 em que Jesus anuncia

⁴⁸ ARCHER, Gleason Leonard. *Enciclopédia de temas bíblicos: respostas às principais dúvidas, dificuldades e “contradições” da Bíblia*. 2. ed. Trad. Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 2001. p. 356-357.

(λαλέω) “a palavra - (λόγος - *logos*)”. Esta palavra veio da parte de Deus, é uma dádiva, que julga, purifica, de onde provém a fé e é agente do novo nascimento. A palavra “*logos*” expressa aquilo em que consiste a mensagem cristã: uma palavra de boas novas, de verdade, da vida, de reconciliação, de salvação e da cruz.

No início do Evangelho João vai dizer que “o verbo (a palavra - λόγος) se fez carne”. João está identificando o *Logos* com Jesus, o qual é e deve ser o conteúdo da pregação. Assim, quando Jesus se refere a si mesmo como Caminho, Verdade e Vida (Jo 14.6) é possível então compreendê-lo como tal em todas as suas relações, como o “*Logos*” de Deus.⁴⁹

Jesus é o Evangelho e esta relação é algo inseparável. Por conseguinte, ao mesmo tempo em que prega e ensina sobre a pregação, Jesus também constitui-se no próprio conteúdo da mensagem denominada cristã.

A personificação da Palavra conforme Jo 1.1,14 não é estranha, pois já era algo compreendido no Antigo Testamento. Sendo assim, o termo “*logos*” traduz-se a partir do que os primeiros cristãos sabiam ser verdadeiro sobre Jesus.⁵⁰ Isto indica que somente em Jesus é possível compreender a Palavra Viva de Deus que já estava operando na história.

Essa cristologia elevada e singular que aparece nas primeiras páginas do Evangelho de João reflete o tipo de fé em Jesus que veio a ser aceita. Jesus é a Palavra que existia na presença de Deus antes da criação e que se tornou carne.⁵¹ É a Palavra Viva, que vive para sempre e é proclamada revelando Deus e seus propósitos salvíficos aos homens.

Deus manifesta plenamente o poder dinâmico da Palavra do Novo Testamento ao identificar seu Filho como o divino *Logos*, ou Palavra (Jo 1.1). Por meio da identificação do seu Filho como sua Palavra, Deus revela que a mensagem do Filho e a pessoa do Filho são inseparáveis. A palavra o incorpora.

[...] O poder redentor de Cristo e o poder da sua Palavra unem-se ao Novo Testamento com *Logos* (a encarnação de Deus) e *logos* (a mensagem acerca de Deus), tornando-se termos reflexivos como que para formar uma identidade conceptual.⁵²

⁴⁹ BARCLAY, William. *As obras da carne e o fruto do Espírito*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 126-133.

⁵⁰ CARSON, D. A. *O comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2007. p. 115-116.

⁵¹ BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 47.

⁵² CHAPPELL, Bryam. *Pregação cristocêntrica*. 2. ed. Trad. Oadi Salum. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 19-20.

Sendo assim, pode-se afirmar que Jesus é revelação genuína e só porque o Verbo se fez carne é que é possível a escrita de um Evangelho.⁵³ Sem Jesus não há Evangelho, e sem Evangelho não há salvação e não há mensagem. Kirst vai definir assim: “[...] Jesus Cristo é tudo o que Deus tem a dizer, e tudo o que Deus tem a dizer se articula em Jesus Cristo”.⁵⁴

Como forma de alerta para os pregadores, Lutero vai dizer que a pregação a serviço da fé não deve ser a mera narração superficial da vida e obra de Jesus, pois ela não é apenas um fato histórico. Ela não é defesa acerca do direito canônico ou coisa do gênero, e também não se limita à expressão de sentimentos de compaixão em relação a Cristo. Mas é indispensável e necessário que a pregação conceda firmeza à fé, explicando porque Cristo veio, o quão importante ele é para o ser humano e quais os benefícios concedidos por Ele.⁵⁵

Jesus, o *Logos*, a Palavra personificada em toda sua expressão e realização, é conteúdo vívido e essência da mensagem. O mesmo ensino é observado nos demais Evangelhos e nas cartas do Novo Testamento, mas aqui destaca-se a abordagem específica do Evangelho de João para indicar a necessidade de ampliar esta pesquisa e não deixar de considerar esta realidade bíblica.

3. A REALIDADE ESCATOLÓGICA DA PREGAÇÃO

3.1 Jesus profetiza o avanço e alcance do Evangelho pela pregação

Em seu sermão profético Jesus disse: “E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim (Mt 24.14; Mc 13.10)”.

[...] Assim deve ser e assim será. Apesar dos homens e dos demônios, a história da cruz de Cristo será narrada em todas as partes do mundo. As portas do inferno não prevalecerão contra o evangelho. A despeito das perseguições, dos aprisionamentos e das mortes, nunca faltarão homens fiéis que proclamam as boas novas pela graça. Talvez poucos crerão neles. Muitos dos ouvintes continuarão empedernidos no pecado. Porém, coisa alguma impedirá que o Evangelho seja pregado. A Palavra de Deus nunca será obstruída, embora aqueles que pregam possam vir a ser aprisionados e mortos (2Tm 2.9).⁵⁶

⁵³ BOOR, Werner de. *Evangelho de João I: comentário* Esperança. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002. p. 43.

⁵⁴ KIRST, Nelson. *Rudimentos de homilética*. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 9.

⁵⁵ LUTERO, 2007, p. 32-33.

⁵⁶ RYLE, 2011, p. 166-167.

Assim, a pregação é um instrumento assegurado para concretizar o ministério de comunicar o Evangelho para todas as nações até o fim.

MacDonald vai dizer que a referência de Mt 24.14 diz respeito à pregação do Evangelho do Reino (as boas novas acerca do estabelecimento do Reino de Cristo na terra) quando Cristo voltará com os santos para estabelecer Seu Reino na terra, sendo distinto do Evangelho da graça de Deus que é proclamado antes da segunda vinda. Porém, como se vê na sequência outros autores não pensam assim; independente da posição, a pregação constitui a instrumentalidade em ambos os casos.⁵⁷

Ao comentar a passagem paralela em Mc 13.10, Pohl retrata a temática como pertencente ao fim de todas as coisas e que o uso do passivo “seja pregado” acerca do ministério da pregação revela Deus como Pregador usando seus instrumentos.⁵⁸ Aqui a mensagem continua sendo vista como oportunidade de salvação e há o fortalecimento da ideia de que pregar é deixar Deus falar por meio do instrumento que Ele está usando.

Nesta mesma linha de pensamento, ao comentar Mt 24.14 Hendriksen diz que Jesus está anunciando que a proclamação do Evangelho vai preceder os eventos finais da história do mundo. E como o próprio texto bíblico indica, a todo mundo e a todas as nações - uma referência acerca da amplitude deste ministério.⁵⁹ Em contribuição ao pensamento de Hendriksen, Ferreira comenta o envio dos discípulos por Jesus em Mc 16.15 indicando a totalidade geográfica e populacional a que pertence o comissionamento para a pregação.⁶⁰

Mulholland observa que junto com a declaração da expansão do Evangelho entre as nações está a constatação da perseguição (Mc 13.10 - conforme Mc 13.11).⁶¹ Esta foi uma realidade inaugurada com o ministério de Cristo, que afronta diretamente o pecado e o poder das trevas, e agora se manifesta historicamente na missão da pregação até o final dos tempos.

Jesus também falou de forma indireta da pregação do Evangelho em todo o mundo quando disse: “Eu lhes asseguro que onde quer que este evangelho for anunciado, em todo o mundo, também o que ela fez será contado, em sua memória (Mt 26.13; Mc 14.9)”. Além da referência indireta à abrangência da pregação do Evangelho, também é possível observar a distinção do testemunho de adoração, mesmo que ambos sejam

⁵⁷ MACDONALD, 2008, p. 88.

⁵⁸ POHL, 1998, p. 368-369.

⁵⁹ HENDRIKSEN, William. *Mateus*: comentário do Novo Testamento. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. v. 2, p. 496.

⁶⁰ FERREIRA, 1990, p. 25-26.

⁶¹ MULHOLLAND, [199-], p. 197.

considerados como conteúdo da pregação. É o Evangelho e o testemunho vivo do Evangelho que acrescenta conteúdo à pregação.

O ministério da pregação é compreendido temporalmente como pertencente “até o fim”. Sua abrangência geográfica é definida nas palavras de Cristo como alcançando a totalidade da humanidade e ainda a totalidade das nações. Reconhecidamente esta expansão está em confronto direto com o pecado e o poder das trevas, redundando nas mais diversas experiências de sofrimento para os pregadores que portam a mensagem da salvação. Mas a promessa se mantém e o fato é que o Evangelho será pregado para todos em todos os lugares.

3.2 Jesus define a continuidade do ministério da pregação por meio de novos pregadores

Ao enviar seus discípulos Jesus inicia o período final de seu ministério. Aqueles que até então o tinham acompanhado agora são os novos pregadores. Foram constituídos mensageiros, representantes comissionados e capacitados.⁶²

Antes disso eles tiveram experiências de campo. Shedd comenta o texto de Mc 3.14-15 em que Jesus envia seus discípulos para pregarem o Evangelho e expulsar os demônios. Ele diz que o objetivo da futura pregação tem teor evangelístico ao considerar a relação com o texto de Mt 4.19 em que Jesus havia dito que faria dos discípulos pescadores de homens. Jesus foi consciente desde o princípio de que precisaria formar pregadores ou, melhor dizendo, em suas palavras: “pescadores de homens”.⁶³

Jesus enviou os doze discípulos para que pregassem abertamente a proximidade do reino dos céus (Mt 10.7,27; Mc 3.14; 6.12; Lc 9.2; 12.3) assim como Ele fez.

[...] O Reino de Deus foi a essas vilas na pessoa dos emissários de nosso Senhor. Esses pregadores pareciam ser pessoas comuns, pescadores galileus, mas eram portadores do Reino de Deus. Como reagiram os habitantes dessas cidades? Eles podiam receber bem os emissários de Cristo e, assim, receber o próprio Reino ou podiam escolher rejeitá-lo. Contudo essa rejeição seria uma coisa terrível.⁶⁴

Os doze discípulos tem em Jesus o padrão do seu ministério, pregando, ensinando, libertando os cativos, evidenciando o poder do governo de Deus.⁶⁵

⁶² ERDMAN, Charles R. *El Evangelio de Lucas*. Grand Rapids: TELL (Con permiso de The Westminster Press), 1974. p. 120.

⁶³ SHEDD, Russel P. *Evangelização: fundamentos bíblicos*. São Paulo: Shedd, 2006. p. 101.

⁶⁴ LADD, 2008, p. 103.

⁶⁵ MULHOLLAND, [199-], p. 105.

Por fim, Jesus comissionou a todos os discípulos para pregarem o Evangelho a toda criatura (Mc 16.15). Ele desejou esclarecer plenamente por meio do ministério da pregação que toda a humanidade precisa do Evangelho e que a salvação pelo Evangelho é gratuita a todos.⁶⁶

A voz de Jesus ainda pode ser ouvida por meio do ministério de pregação assumido por seus discípulos em todo o mundo:

[...] o lugar da *viva vox* da proclamação de Jesus foi ocupado pelo testemunho de fé da igreja em palavras e ação, dado não só pelos apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres (Ef 4.11), mas também pelos crentes mais singelos.⁶⁷

Jesus continua seu ministério de ensino e pregação na igreja por meio do Espírito Santo em todas as épocas. Ele é o profeta que proclama o Evangelho para todas as nações.⁶⁸

A autoridade da pregação como Palavra de Deus está fundamentada na incumbência que a igreja recebeu do Senhor Jesus Cristo e a qual dedica-se em obediência.⁶⁹ Por fim, é importante ainda elucidar nesta caminhada que pregar não é tarefa apenas de pastores e/ou pregadores, antes missão da igreja.⁷⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da delimitação conceitual de pregação pelos vocábulos neotestamentários que fazem referência a um caráter específico da pregação, foi possível acompanhar o ministério de pregação de Jesus considerando sua postura, conteúdo, forma e expectativas.

Destacou-se quanto aos pré-requisitos para a pregação que Jesus tinha uma profunda consciência da vontade divina e vocação, além da capacitação do Espírito para pregar a mensagem da salvação. O comissionamento, o comprometimento com a pregação como vontade divina e a unção do Espírito constituem um aparato essencial na prática de tal ministério conforme exemplificado.

Em relação ao conteúdo da pregação se verificou como chaves os conceitos: arrependimento, Reino de Deus, salvação, vitória e a vida e obra de Jesus Cristo. Destaca-se em relação ao arrependimento sua identificação e distinção em relação

⁶⁶ RYLE, 2011, p. 217.

⁶⁷ JEREMIAS, 2008, p. 443.

⁶⁸ BAKER, J. P. Ofícios de Cristo. In: FERGUSON, Sinclair B.; WRIGHT, David F. Novo dicionário de teologia. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 740.

⁶⁹ KIRST, 2012, p. 12.

⁷⁰ MORAES, Jilton. *Homilética: da pesquisa ao púlpito*. 2. ed. São Paulo: Vida, 2012. p. 19.

ao conceito de conversão. Em relação ao Reino é notável que, como conteúdo da pregação, ele não é apenas formado por palavras mas também de ações de Jesus na história humana. Em relação às palavras “salvação” e “vitória” verificou-se que o conteúdo da pregação está em oposição ao pecado e ao poder das trevas, produzindo salvação e vitória para os que ingressam no Reino. Ainda foi visto, com destaque especial no Evangelho de João, Jesus como o Verbo de Deus, a Palavra personificada que se constitui conteúdo da mensagem cristã, tornando-se impossível definir o conteúdo para a pregação com a ausência da vida e obra de Jesus Cristo.

Por fim, foi observado que a pregação está envolvida em uma realidade escatológica, fundamentada nas palavras proféticas de Jesus. A partir disso é possível compreender que o Evangelho será pregado em todo mundo para todas as nações e que o cumprimento desta promessa acontece por meio de Cristo no poder do Espírito pelos discípulos espalhados no mundo, reconhecendo a ação proclamadora da igreja e a instrumentalidade da pregação.

A pesquisa realizada fortalece princípios para o exercício do ministério da pregação recuperando de forma abrangente o eixo central para a prática, o qual é a contínua ação de Deus na história humana comunicando seus propósitos salvíficos. Tal prática exercida a partir do ministério da pregação de Jesus possui definições quanto a seus pré-requisitos, conteúdo, geografia, etnicidade, temporalidade (validade) e identificação daqueles que continuam o exercício deste ministério.

No entanto, por suas limitações a pesquisa instiga outras reflexões que possam ampliar a compreensão desta atividade ministerial tão relevante e dinâmica na história cristã.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Claudionor Corrêa. *Dicionário teológico*. 13. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

ARCHER, Gleason Leonard. *Enciclopédia de temas bíblicos: respostas às principais dúvidas, dificuldades e “contradições” da Bíblia*. 2. ed. Trad. Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 2001.

BAKER, J. P. *Ofícios de Cristo*. In: FERGUSON, Sinclair B.; WRIGHT, David F. *Novo dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

BARCLAY, William. *As obras da carne e o fruto do Espírito*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BOOR, Werner de. *Atos dos apóstolos: comentário Esperança*. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2003.

_____. *Evangelho de João I: comentário Esperança*. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002.

BROADUS, John A. *Sobre a preparação e a entrega de sermões*. Trad. Claudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Custon, 2003.

BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1983.

CAMACHO, Juan S. J. *O evangelho de Mateus: leitura comentada*. Trad. João Resende Costa. São Paulo: Paulinas, 1993.

CARSON, D. A. *O comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2007.

CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. 6. ed. São Paulo: Hagnos, 2002.

CHAPPELL, Bryam. *Pregação cristocêntrica*. 2. ed. Trad. Oadi Salum. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

DAVIDSON, F. (Edit.). *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1990. v. 2.

ERDMAN, Charles R. *El Evangelio de Lucas*. Grand Rapids: TELL (Con permissão de The Westminster Press), 1974.

ERICKSON, Milard J. *Conciso dicionário de teologia cristã*. 2. ed. Trad. Darci Dusilek e Arsenio Firmino de Novaes Netto. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.

FERGUSON, D. S. Kerygma. In: ELWEL, Walter A. (Edit.). **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990. v. 2.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento**. Trad. Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GREIDANUS, Sidney. **O pregador contemporâneo e o texto antigo: interpretando e pregando literatura bíblica**. Trad. Edmilson Francisco Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

HENDRIKSEN, William. **Mateus: comentário do Novo Testamento**. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. v. 2.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

KIRST, Nelson. **Rudimentos de homilética**. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

KROMMINGA, C. G. Arrependimento. In: ELWEL, Walter A. (Edit.). **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1993. v. 1.

LADD, George Eldon. **O evangelho do reino: estudos bíblicos sobre o reino de Deus**. Trad. Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2008.

LOPES, Hernandes Dias. **A importância da pregação expositiva para o crescimento da igreja**. São Paulo: Candeia, 2004.

LUTERO, Martinho. **A liberdade do cristão**. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2007.

MACDONALD, William. **Comentário bíblico popular: Novo Testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MARSHALL, I. Howard. **Atos: introdução e comentário**. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1991.

MENEZES, E. M. **Revitalizando a espiritualidade**. Cascavel: Coluna do Saber, 2008.

MORAES, Jilton. **Homilética: da pesquisa ao púlpito**. 2. ed. São Paulo: Vida, 2012.

MORRIS, Leon L. **Lucas: introdução e comentário**. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1990.

MUELLER, Ênio R. **I Pedro: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1991.

MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos: introdução e comentário**. Trad. Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, [199-].

OLYOTT, Stuart. **Ministrando como o Mestre**. São José dos Campos: Fiel, 2003.

POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos: comentário Esperança**. Trad. Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998.

RIDDERBOS, J. **Isaías: introdução e comentário**. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1990.

RYLE, John Charles. **Meditações no evangelho de Marcos**. São José dos Campos: Fiel, 2011.

SHEDD, Russel P. **Evangelização: fundamentos bíblicos**. São Paulo: Shedd, 2006.

SPURGEON, C. H. **Lições aos meus alunos: homilética e teologia pastoral**. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: PES, 1990.

STOTT, John. **O perfil do pregador**. Trad. Glauber Meyer Pinto Ribeiro. São Paulo: Sete; Sepal, 1989.

WILLIAMS, David J. **Atos: novo comentário bíblico contemporâneo**. Trad. Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1996.